

AFROS & AMAZÔNICOS



APRESENTAÇÃO

Prezado leitor, prezada leitora, prezado autor e prezada autora!

É com muita satisfação que os editores da Afros & Amazônicos trazem a seu alcance mais um número publicado. A vida acadêmica não é nada fácil! Ao contrário do que rege o sendo comum, o trabalho intelectual demanda muito esforço, com horas e horas de dedicação, cansaço físico e mental. Os autores e as autoras que contribuíram com esse número sabem disso. Com certeza despenderam muitos dias debruçados na pesquisa e posteriormente na melhor forma de apresentar os resultados aos pares leitores. Com a edição de um volume de uma revista não é diferente. Muitas horas de trabalho repetitivo, esforço físico e mental são necessárias para compor um simples número.

Com isso, a equipe editorial pede desculpas antecipadas por não conseguir colocar esse número à disposição dos leitores dentro do prazo inicialmente estipulado. Dito isso, passamos agora para a apresentação dos artigos que compõem este número.

O primeiro deles, intitulado “Casas de memórias: a experiência do Arquivo Público do Rio Grande do Sul”, é uma reflexão a partir de uma prática de implementação de projetos de intervenção em educação. O autor propõe-se a refletir sobre a prática da Educação Patrimonial e a produção do conhecimento histórico com estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio a partir de uma avaliação da pedagogia da educação patrimonial desenvolvida pelo Arquivo Público do Rio Grande do Sul (APERS). O autor toma a educação patrimonial desenvolvida pela APERS como uma “casa

de memória”, ou seja, uma instituição que se coloca no campo das disputas pelas memórias, propiciando espaços debates entre sobre as relações sociais de dominação e resistência do passado.

O segundo artigo está inserido no campo da linguística abordando, na fronteira Brasil-Bolívia, o hibridismo cultural e linguístico constituído a partir de empréstimos lexicais partilhados entre sujeitos existentes na região, como povos indígenas, afroindígenas, quilombolas e bolivianos. Intitulado “Aquá! É Errado Falar Assim?”, o artigo foi escrito em duas mãos. Seus autores reconstroem os diferentes usos lexicais da expressão regional “aquá” em meio ao processo das disputas pelas representações quilombolas. Leia o artigo para descobrir esses significados lexicais.

Intitulado “A arqueologia da paisagem como instrumento de identificação da área de abrangência cotidiana e sazonal de uma antiga aldeia situada na porção sul da Terra Indígena Uru Eu Wau Wau, em Rondônia”, o terceiro artigo propõe o uso metodológico da arqueologia da paisagem para realizar conjecturas sobre a área de abrangência de uma antiga aldeia localizada na porção sul da Terra Indígena Uru Eu Wau Wau. A partir do uso dessa metodologia, o autor consegue afirmar que uma população de médio porte outrora residia naquela região de maneira semipermanente.

Já o quarto artigo intitulado “As antigas que dizem: pedagogia ancestral de mulheres negras quilombolas” aborda a organização política de Mulheres Negras do Território Quilombola do Rio Jambuçu-Moju, no Pará. O principal objetivo do artigo, conforme a autora, é identificar e compreender estratégias desenvolvidas por Mulheres Negras Quilombolas para o estabelecimento e manutenção de uma



rede de Poder Feminino nas comunidades nas quais atuam.

Com o sugestivo título “Porto Velho em Londres”, os autores desse artigo nos convidam a ler notícias antigas sobre a última fase de construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM) que circularam em um jornal londrino. Discutindo o processo de tradução com discentes da graduação, as notícias foram traduzidas em várias mãos para que outros pesquisadores e pesquisadoras possam também fazer uso em suas atividades acadêmicas do conteúdo ali expresso.

Intitulado “A escola de preto e samba no pé: a resistência racial do G.R.E.S. Os Diplomatas do Samba”, o sexto artigo trata das disputas carnavalescas nas décadas de 1970 e 1980 na cidade de Porto Velho. Trata-se de um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento. Os autores evidenciam as disputas, por vezes cravadas de preconceitos e racismos, entre as escolas a partir de notícias em jornais da época.

O sétimo artigo “Conexão Brasil Marrocos: relatos e retratos de Mazagão Velho” aborda o vínculo histórico que esse pequeno município ao sul do estado do Amapá tem com a região de Marrocos. Metodologicamente, a partir de uma fotoetnografia, na qual a autora se coloca como produtora de fonte histórica, e a partir de evidências extraídas de memórias de alguns moradores, essa história é reconstruída para que o leitor seja enriquecido com conhecimento informativo e visual/estético/artístico.

O último artigo deste número, por sua vez, está escrito em espanhol e nos transporta para a floresta amazônica colombiana para conhecer um pouco sobre a história e cultura material do povo indígena Nukak. Intitulado “*El cumare (astrocaryum aculeatum) y la cultura material de los Nukak: un ensayo visual del uso y la ecología de una especie entre un pueblo indígena de la Amazonia*”, a partir do método etnográfico, o autor reconstrói a história regional do uso da palmeira tucumã pelos

Nukak, conhecida localmente como cumare ou chambira.

Apresentado todos os artigos, convidamos os leitores e as leitoras para deslizarem seus olhares sobre as páginas instigadoras.